

ALGUMAS INDICAÇÕES SOBRE O AGIR POLÍTICO EM MAQUIAVEL

SOME INDICATIONS ABOUT POLITICAL ACTION IN MACHIAVELLI

Ricardo Czepurnyj Ferrara¹

Resumo

Maquiavel, além de ter sido um dos precursores do movimento filosófico moderno, igualmente foi um atento observador da forma de governo de seu tempo (monarquia), bem como um estudioso acerca da postura da liderança desse governo (príncipe). Basicamente, constatava um discurso na teoria com uma prática totalmente descompromissada de tal discurso, uma moral circunstancial. Além disso, analisava as situações específicas que ocorriam dentro dos principados e cidades, seja na relação entre as pessoas, seja a relação entre a pessoa e o governo vigente.

Palavras chave: virtude, fortuna, astúcia, perspicácia, poder

Abstract

Machiavelli, besides being one of the forerunners of the modern philosophical movement, was also a watchful observer of the form of government of his time (monarchy), as well as a scholar about the leadership posture of that government (prince). Basically, he observed a discourse in theory with a totally uncompromising practice of such a discourse, a circumstantial moral. In addition, he analyzed the specific situations that occurred within the principalities and cities, be it in the relationship between the people, or the relationship between the person and the current government.

Keywords: virtue, fortune, cunning, cleverness, power

INTRODUÇÃO

Tal exposição centra-se no texto *O Príncipe*, escrito por Maquiavel. O objetivo dessa escrita era de mostrar a face prática do líder, seu modo de atuação e condução das situações em contraposição à sua moral do discurso. Por um lado, o empreendimento, em grande medida, está mais voltado para a observação do líder em relação à sua práxis e atuação do que para um exercício de pensamento *sui generis*. Por outro lado, o autor é um dos precursores da modernidade, ao pensar o sujeito enquanto o artífice do conhecimento e não o seu objeto, como outrora, faziam alguns pensadores da antiguidade, e até mesmo no medievo.

Uma pergunta pode ocorrer naturalmente: se estamos diante de um sistema de governo monárquico, sistema que se desenrolava no tempo de Maquiavel e analisado por esse autor, por

¹ Ricardo Czepurnyj Ferrara. Mestre em Filosofia na Universidade São Judas (2013). Graduado bacharel em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (2009) e bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Íbero-Americano - UNIBERO (2006). Docente do curso de Direito das Faculdades Integradas Campos Salles.

que príncipe e não o rei, que é a figura mais proeminente da monarquia? Uma das justificativas que se apresenta é a que o rei, geralmente, se apresenta como ancião, no termo de sua vida e existência, o que denota que devotou a maior parte de sua energia na sua juventude, ao passo que o príncipe, herdeiro direito do rei, geralmente é mais jovem e transborda ideias e energia para a condução do governo.

Justificativa

A exposição justifica-se na medida em que coloca alguns trechos de *O Príncipe* e analisando-os e invocando comentadores, na medida do possível, para o suporte no esclarecimento do texto do autor.

Metodologia

O mote do presente texto é a utilização da obra *O Príncipe* de Maquiavel, com a utilização de alguns comentadores quando necessário.

Referencial teórico

1-) Verdade efetiva das coisas

Maquiavel busca em sua filosofia uma verdade efetiva que alcance o conhecimento das ações na prática, concatenando a experiência dos elementos modernos com o estudo dos elementos antigos:

“(...) sendo meu intento escrever algo útil para quem me ler, parece-me mais conveniente procurar a verdade efetiva das coisas do que o que se imaginou sobre elas. Muitos imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem se soube se existiram na verdade (...)”²

Tal verdade efetiva consiste numa verdade que realmente acontece na prática, no espaço e no tempo, onde a pedra de toque é a experiência. Nessa perspectiva, o autor coloca que:

“(...) os homens trilham quase sempre estradas já percorridas. Um homem prudente deve assim escolher os caminhos já percorrido pelos grandes homens e imitá-los; assim, mesmo que não seja possível seguir fielmente esse caminho, nem pela imitação alcançar totalmente as virtudes dos grandes, sempre se aproveita muita coisa.”³

Percorrer a trilha que grandes homens já percorreram, pois ali são conhecidos as dificuldades e os percalços, bem como as eventuais facilidades que o caminho pode proporcionar. E mais do que simplesmente seguir por um determinado caminho ou trilha, é imitar o exemplo de grandes homens. Para explicitar ainda mais a posição maquiaveliana, Pinzani trata: *“O homem político em busca de orientações para o seu agir deveria escolher exemplos históricos e segui-los ao invés de imaginar uma realidade que nunca existiu ou que se poderia encontrar só nos escritos de filósofos como Platão ou Aristóteles.”⁴*

A utilização dos exemplos de grandes figuras do passado como premissa de êxito no agir político é essa mescla de novo e antigo sugerida por Maquiavel. Antigo no sentido de tomar

² MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 73.

³ MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 51.

⁴ PINZANI, A. **Maquiavel & O Príncipe**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004, P.18.

o exemplo de grandes personalidades que fizeram a diferença em seu tempo e novo, por sua vez, se volta para analisar a realidade atual do Estado e fornecer alternativas práticas.

A sugestão pela praticidade fará o autor utilizar poucos conceitos, afastar-se da retórica e de construções rebuscadas. Não há metafísica e nem ontologia na política maquiaveliana, apenas um olhar comprometido com a realidade contemporânea circundante, regras empíricas e perspicácia prática, aliada à sabedoria que se pode colher da antiguidade.

A estratégia do autor passa pelo sistema Príncipe-Povo, onde os príncipes possuem o desejo de poder e o povo de não ser ofendido. Se o humor do povo fosse ultrajado de alguma forma, o príncipe ficaria com sua imagem arranhada. Fazia-se necessário agradar o povo, ganhando a sua afeição, sem deixar de lembrar dos poderosos quando se fizesse necessário:

“(...) Quem chega ao principado com a ajuda dos grandes mantém-se com mais dificuldade do que o que se torna príncipe com a ajuda do povo, porque o primeiro se vê cercado de muitos que parecem ser seus iguais, não podendo, por isso, comandá-los nem manejá-los a seu modo. Mas quem chega ao principado com o favor popular encontra-se sozinho e não tem em torno de si ninguém, ou quase ninguém, que não esteja pronto a obedecê-lo. (...) Além disso, um príncipe não pode jamais proteger-se contra a inimizade do povo, porque são muitos; no entanto, pode-se garantir contra os grandes porque são poucos (...)”⁵

Quando já não existia a ocasião para o cumprimento da palavra, o príncipe não deveria ser fiel a palavra dada, assim era alimentada uma relação entre ser e parecer, onde o príncipe se servia das qualidades esperadas, mesmo não as tendo, fazendo com que o fingimento e a simulação fossem suas estratégias políticas. Essa práxis política passa pela conquista e a manutenção do poder, na qual o príncipe deve encontrar condições para gerar equilíbrio, resultando, assim, em uma ordem estável.

As forças envolvidas criam focos de conflitos, violência e coerção, fazendo da guerra uma arte política pelo poder de convencimento, persuasão e tornar a força reconhecida, porém, os resultados políticos são indeterminados pelo motivo de que há a presença de paixões e interesses pessoais no contexto político, camuflados sob a forma de desejo e inovação.

Assim, há uma ordem objetiva que engloba elementos estruturantes como: tipos de Estados, costumes, leis, impostos, exércitos (armas), localização geográfica e a distribuição objetiva do poder e uma ordem subjetiva, uma ordem dos desejos que abrange os humores, paixões e interesses.

2-) *Virtú e Fortuna*

Para equalizar todas estas variáveis políticas, a fim de salvaguardar a estabilidade e a segurança do príncipe em sua carreira política, Maquiavel, introduz os conceitos essenciais de *Virtú e Fortuna*. O conceito de *Virtú* é próprio daquele que se conforma à natureza de seu tempo, apreende-lhe o sentido e se capacita a realizar praticamente a necessidade da circunstância. Vejamos como o autor considera a *Virtú* e a *Fortuna* no caso da ascensão de um novo príncipe ao poder:

“Digo, portanto, que nos principados completamente novos, onde há um novo príncipe, existe maior ou menor dificuldade para mantê-lo conforme seja maior ou

⁵ MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 46.

*menor a virtù de quem o conquistou. E, como a passagem de simples cidadão a príncipe supõe virtù ou fortuna, parece que uma ou outra dessas duas coisas ameniza, em parte, muitas das dificuldades. Contudo, aquele que depende menos da fortuna consegue melhores resultados.”*⁶

Nessa direção, Bignotto ressalta: “A *Virtú*, ele (Maquiavel) evita traduzir para o italiano, para não confundi-la com as virtudes cristãs, diz respeito à capacidade do ator político agir de maneira adequada no momento adequada.”⁷

A *Virtú* não tem ligações com uma moral abstrata e nem tampouco acabada, pois ela é definida na circunstância de cada situação. Maquiavel busca uma moral circunstancial, que somente será utilizada para determinada ocasião, e logo em seguida, a rigor, deve ser descartada. Ao levar em conta a natureza humana, sujeita a volubilidade e a inconstância, fará a distinção entre o real e o ideal, considerando o fato de como os homens são em sua realidade e não como eles deveriam ser.

A ideia de Fortuna, a deusa da roda, uma herança deixada pelos romanos, se caracteriza como aquela que subtrai dos homens tudo aquilo que conquistaram, quando decide mudar o rumo das coisas sem aviso prévio. Tal Fortuna é uma variável que não pode ser dominada pelos homens, pois representa as intempéries dos elementos humanos. Assim, Bignotto explica: “Da fortuna conhecemos apenas os efeitos e o fato de que pode sempre se manifestar, mas nunca suas vontades e o momento em que vai lançar os fios.”⁸ Dessa, conhece-se apenas os efeitos, as consequências, e que ela sempre haverá de ocorrer, mas se conhece as suas causas. A motivação da Fortuna é de difícil previsão, porém, o que é sempre previsível é a sua manifestação, bem como seus produtos. A conjugação de *Virtú* e Fortuna é de suma importância para Maquiavel na trama política, pois no conceito de *Virtú* está imbuído de elementos como a verdade prática e a prudência aliadas à Fortuna, cuja causa é misteriosa, elemento imprevisível e de difícil controle humano.

Conforme o autor: “A Fortuna é arbitra de metade de nossas ações, mas que ainda assim ele nos deixe governar quase a outra metade.”⁹ Maquiavel coloca que a liberdade humana, quase sempre, conta com a atuação da Fortuna. Além do que A *Virtú* sem Fortuna e Fortuna sem *Virtú* seriam totalmente irrelevantes para a práxis política. Surge como efeito desse grande tear político uma terapia dos conceitos de bondade e maldade. É necessário agir bem sempre, mas se tiver que usar o mal, ele será aplicado, para manter o bom equilíbrio político.

3-) Amado ou temido?

A questão que surge é a seguinte: é melhor ser amado ou temido? O autor fornece um parecer:

“Os homens hesitam menos em ofender os que se fazem amar do que aos que se fazem temer, porque o amor é mantido por um vínculo de obrigação, o qual, devido a serem os homens pérfidos é rompido sempre que lhes aprouver, ao passo que o temor que se infunde é alimentado pelo receio de castigo que é um sentimento que não se

⁶ MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P.23

⁷ BIGNOTTO, N. **Maquiavel**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, P.24.

⁸ Idem, ibidem, P.27.

⁹ MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 103.

*abandona nunca. Deve, portanto, o príncipe fazer-se temer de maneira que, se não se fizer amado, pelo menos evite o ódio.*¹⁰

Na possibilidade de não conseguir a afeição e o amor do povo, o líder deverá fugir, à todo o custo, de ser odiado. Logo, o líder deve-se colocar como alguém que é temido. Maquiavel analisa, em primeiro lugar, a natureza humana. Para o autor, os homens são pérfidos e somente são bons enquanto puderem se beneficiar de tal condição. Ele também analisa o coletivo, a postura do povo em relação ao líder temido e o líder amoroso. Os homens ofenderiam mais o líder amoroso do que o líder temido. Quanto ao primeiro, o amor é garantido a partir do dever, de uma relação de obrigação. Quanto ao segundo, o temor do castigo é um dos sentimentos que sempre acompanham o homem. Pinzani abre outra vertente no agir político:

*“Muitas vezes os homens não podem agir livremente, pois são coagidos pela necessidade. Para Maquiavel há dois tipos de necessidade: o primeiro é a necessidade imposta aos outros homens, como no caso da coação exercida pelo soberano sobre os seus súditos (...) O segundo tipo de necessidade é imposta aos homens (a todos pela fortuna).”*¹¹

A primeira necessidade está relacionada com o pensamento de Maquiavel de que os homens são bons somente se necessitados de o ser:

*“(...) porque há tamanha distância entre como se vive e como se deveria viver, que aquele que trocar o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a preservar-se; pois um homem que queira fazer em todas as coisas profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons. Daí ser necessário a um príncipe, se quiser manter-se, aprender a poder não ser bom e a valer-se ou não disto segundo a necessidade.”*¹²

Isto é, para cada situação há uma ação correspondente que satisfaz a problemática do momento. A segunda necessidade está relacionada ao ataque que Maquiavel dirige à tradição cristã clássica e a sua ideia de fortuna como deusa da fatalidade e dos golpes da sorte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os elementos do agir politicamente encontram-se entrelaçados, onde as peças primordiais são: a verdade efetiva da práxis política, a habilidade de agir tanto com a bondade quanto com a maldade, conciliando a tarefa de não ferir os humores do povo, a arte de aparentar e de guerrear, a relação dialética entre *Virtú* e Fortuna que se efetiva no cenário político e requer treinamento da ação para alcançar os objetivos do príncipe com eficácia. As variáveis citadas não são exatas e do príncipe é exigida a perspicácia e a audácia para a administração da cidade e eficácia de sua liderança.

¹⁰ MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 70.

¹¹ PINZANI, A. **Maquiavel & O Príncipe**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004, P.47.

¹² MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996, P. 73.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

BIGNOTTO, N. **Maquiavel**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

PINZANI, A. **Maquiavel & O Príncipe**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.